



LUCIANA H. URBANIS/D

ISTO É
SENHOR

APCR0129

SOCIEDADE

Carajás vira verde

A Vale do Rio Doce começa o trabalho de reflorestamento de um milhão de hectares na Amazônia oriental

CARLOS JOSÉ MARQUES, DE CARAJÁS

O minerador de ferro e bauxita Francisco Soares Ribeiro, de 29 anos, está revendo seus hábitos. Há cinco anos, quando desembarcou para tentar a sorte nas minas do Vale de Carajás não hesitava em eliminar vegetações inteiras para sobreviver. "Tirei muita mata daqui para garantir o sustento", admite ele. Tempos depois, Ribeiro conseguiu uma vaga de operador de britador numa das minas e iniciou um lento processo de entendimento do papel do verde na região. "Sem essas florestas ao redor, ficaria quase impossível de trabalhar, e o pessoal se preocupa mesmo em manter isso porque senão é pior", diz. A atenção de Ribeiro pelo assunto converteu-se em simpatia e aos poucos ele foi mostrando-se um defensor intransigente da preservação. "Para todo mundo que chega digo que essa mata está

ajudando muito e sou capaz de denunciar quem fizer mal a ela."

Casado, pai de dois filhos, Ribeiro adquiriu novos costumes. Nos finais de semana faz "piqueniques com] a família nos bosques", e nos dias de trabalho não dispensa um almoço sob a sombra de uma árvore, a poucos metros da usina onde cuida do seu serviço. "É tudo muito bom, muito bom esse contato todo com o verde, e eu quero aproveitar bastante", afirma Ribeiro. "Aproveitar o clima e a natureza são coisas boas e nem parece que a gente está no trabalho. É por isso que eu cuido e estou reclamando de quem tenta destruir." Na verdade, existem sinais fortes de mudanças na região e não apenas devido às contribuições e o entusiasmo pessoal de Ribeiro.

Um cinturão verde de um milhão de hec-

tares começa a ser lançado em pleno coração do desmatamento, nessa região da Amazônia oriental – cobrindo parte dos Estados do Maranhão, Pará e Tocantins. É a primeira fase de um programa de pólos florestais regado a doses de investimento empresarial – segmento que também acorda aos poucos para a importância da preservação – que deve recompor, num prazo estimado de dez anos, boa parte da cobertura de mata local, sumariamente abatida nos últimos tempos. É projeto de grande envergadura: pelo menos dez grandes companhias, estrangeiras e nacionais, estarão envolvidas com a efetiva instalação de plantas industriais – empreendimentos que devem conciliar a preservação florestal com o retorno comercial. O programa tem sua base de partida nas cercanias da Ferrovia Carajás,

APRENDA INGLÊS SEM IR À ESCOLA



Para aqueles que não têm tempo nem idade de ir à escola, ou moram muito longe dela, o Instituto de Idiomas Yázigi criou um método prático que permite estudar inglês em casa.

Você estuda nas suas horas de folga, no ritmo que quiser, sem prazos marcados. Os professores dialogam com você através de 8 fitas gravadas, enquanto você acompanha as aulas lendo as lições e fazendo os exercícios. Durante o curso você tem 4 oportunidades de entrevistar-se com o professor a fim de tirar dúvidas e verificar sua pronúncia.

Estudando em média 3 horas por semana, você estará lendo, escrevendo e falando inglês básico em cerca de 8 meses - com direito a diploma.

O Yázigi você conhece. Desde 1950, através de suas 150 escolas, ele vem ensinando línguas estrangeiras a mais de 240.000 brasileiros anualmente, com competência e seriedade.

Peça mais informações à C.H. Knapp Editora, rua D. Germaine Burchard 508, CEP 05002, São Paulo, tel. (011) 263-8859. Ou então envie o cupon abaixo.

Yázigi

INGLÊS
E M C A S A

começa no dia em que você começa

C.H. Knapp Editora
Caixa Postal 61050 CEP 05071 São Paulo, SP

Desejo receber, sem compromisso, todas as informações sobre Inglês em Casa.

Nome: _____

Endereço: _____

Sobre anjos e demônios

RAYMUNDO FAORO



Há um fascínio permanente, neste mundo tropical e sub-desenvolvido: é o fascínio do Primeiro Mundo, com suas glórias e pompas. A utopia encontrou, neste canto da terra, que paroquialmente se supõe o centro do universo, o seu caminho de realização. Como estamos no campo da magia e não da realidade, encontramos - afinal - a palavra certa e eficaz, o "abre-te sésamo." Estamos no reino dos encantos, a palavra que abre a cobiçada caverna é esta mesmo e não outra. Não adianta, como demonstram *As Mil e Uma Noites*, substituí-la, embora se diga, por exemplo, gergelim. Deve-se dizer sésamo, por este nome, que é o próprio *sesamum indicum*.

Agora, na obra histórica e imorredoura de sair do Terceiro Mundo para invadir o Primeiro, ressuscitando dentre os mortos, antes da trompeta que há de soar no vale de Josafá - que, segundo o padre Vieira, terá lugar para todos nós, contemporâneos, passados e futuros -, a palavra chama-se "pacto". Imantados por esse substantivo masculino, que quer dizer, se alguém ainda crê em Moraes Silva, ajuste, convenção entre duas ou mais pessoas, para darem, ou fazerem alguma coisa. Esclareça-se, antes que os dicionários perturbem o sentido das palavras, que não se trata de nenhum "pacto adjeto" ou de qualquer "pacto de sangue". Cuida-se, singelamente, prosaicamente, de um pacto nu, que é aquele feito de palavra, sem escritura.

O modelo é o "pacto de Moncloa", que, pela diversidade de assuntos, entrou para o vocabulário político no plural. Os resultados do ajuste de 25 de outubro de 77 não são reputados fundamentais para a criação da democracia espanhola. Mas há o fato e o mito e, para quem vive no mundo das maravilhas, vale o mito, não o fato. Dois historiadores ingleses, havidos como os mais autorizados entre os que escreveram sobre o período 75-78, explicam como as coisas se passaram. Moncloa aconteceu, na realidade, numa fase adiantadíssima da chamada "transição" espanhola. Atente o leitor, esbarramos aqui com outra palavra mágica, que, reproduzindo-a na letra, pensamos, um dia, havê-la realizado realmente. Quase tudo já havia acontecido, sobretudo o evento básico, a morte de Franco (em 20 de novembro de 75) e a ascensão do rei, o motor efetivo das reformas, que não se preocupou apenas em não desgostar o Exército (Figueiredo) e nem só com as nomeações no Maranhão. O referendo já havia demolido o regime franquista e a primeira eleição democrática, depois de 40 anos (em 15 de junho de 77), definiu as forças políticas. Estavam nomeadas, portanto, as partes eventualmente negociadoras.

O pacto de Moncloa deu-se, na verdade, por quê? O projeto político, insistamos, estava irrevogavelmente traçado. Em lugar da "democracia concedida", que aqui prevaleceu, embora, ainda para tanto, fosse fundamental o desempenho da "missão Portela", deu-se a "ruptura consentida", que era menos do que a ruptura pura e simples e mais do que a "abertura gradual e lenta". Sobraram, entretanto, alguns pontos indefinidos, que poderiam ser um obstáculo para o prosseguimento da vitoriosa empresa. Duas eram as preocupações imediatas, o terrorismo conjugado ao isolamento da oposição, que, nos dois extremos, poderia constituir o que se chama a "oposição desleal", bem como a situação econômica, com uma terrível inflação de 30% e um forte desemprego.

Suárez, com o olho na consolidação do futuro regime, não quis assumir, sem a minoria, o compromisso de impor sacrifícios à sociedade. Nasceu daí a "democracia consociacional", que produziu, na fase constituinte, outro pacto, este sim fundamental à política espanhola, que consistiu em estabelecer um acordo sobre os princípios fundamentais da futura ordem constitucional.

Nos pactos de Moncloa não houve representantes outros senão os dos partidos que elegeram mandatários na eleição de junho. Isto por uma razão simples, que havia lá em 77 e não havia aqui em 78: a da definição legitimada por autênticas eleições dos atores políticos. Um pacto, fora das nuvens da magia, não significa fazer agora o que não se pôde fazer, pelo fracasso, antes. Importa num método político, que é o de reconhecer os direitos das minorias de participar de políticas que imponham sacrifícios a todos. Não é também a arte de transformar demônios, antes diabolizados, em anjos, embora anjos que um dia caíram e hoje se quer que balancem entre os deuses e o diabo.

vegetal. "Temos aqui uma espécie de central de testes de tudo que poderá ser feito nos pólos, desde o desempenho das árvores frutíferas até o das comerciais e nativas", diz Moraes. "Investimos mais de US\$ 1 milhão por ano em análises laboratoriais e estamos prontos para auxiliar essa empreitada dos pólos", anima-se ele. Para Moraes e muitos outros, o programa equivale a uma redescoberta do Brasil, pois finalmente setores fortes da economia nacional estão dispostos a ocupar produtivamente a Amazônia, sem ferir suas características ambientais. "A utopia verde vai virar realidade", defende.

Acredita também nessa possibilidade a Organização das Nações Unidas, a ONU, que enviou uma comissão para conhecer e avaliar o atual estágio do projeto. Autoridades alemãs da área de meio ambiente che-

restas; outros 40 mil na fase de exploração e recomposição das matas, e 80 mil oportunidades de atividades indiretas.

Atualmente, a retomada de recuperação ambiental já fez uma verdadeira cidade verde, localizada nas proximidades das minas de Carajás. Nela estão sete mil habitantes convivendo com rigorosas leis de preservação ambiental. Lá, as casas não podem ter muros, apenas "cercas vivas" de vegetação. A escola da comunidade é distribuída por malocas em forma de salas de aula, para as crianças terem desde cedo o contato com a natureza e, no currículo dos alunos, uma disciplina sobre meio ambiente foi incluída quando ainda nem se pensava no assunto. O responsável por muitas dessas inovações é o engenheiro Antônio Wellington, espécie de prefeito dessa comunidade-modelo, conhecido entre os moradores como administrador, encarregado de alertar contra os ataques à natureza.

"Não queremos que a paisagem do local seja afetada pela falta de esclarecimento so-

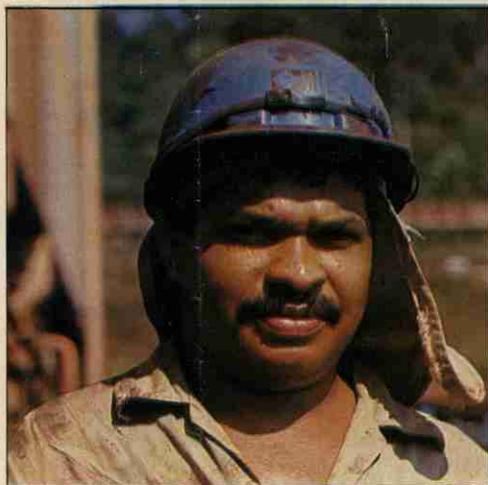


LUCIANA DE FRANCESCO

Novo habitat
Passagem da luz reduzida em 50% em relação às plantações em espaços abertos

bre ecologia", diz Wellington, lembrando que no início da formação da cidade, há cinco anos, foi muito difícil sintonizar todos os habitantes com a mesma idéia. "Tínhamos culturas diferentes, gente vinda de todas as partes do País, com níveis sociais variados, e foi preciso fazer uma reciclagem de comportamento em relação ao meio ambiente, mas aos poucos conseguimos superar o problema", alega. O sentido de preservação ficou tão aguçado na comunidade que o cumprimento dessa regra básica passou a ser tarefa rotineira. O hobby de cuidar do jardim ou de uma horta é comum a todas as casas.

Ficou estabelecido, depois de um plebiscito, que será expulso aquele que agredir o meio ambiente com caça, pesca ou derru-



LUCIANA DE FRANCESCO

Francisco Soares
Impossível o trabalho sem florestas cercando tudo

gam, por sua vez, ao Brasil no dia 5 de outubro para discutir a concessão de ajuda financeira aos pólos. A visita dará seqüência aos entendimentos iniciados em julho passado e é o passo mais concreto na busca de recursos adicionais para levar adiante o programa. O estudo da Vale sobre o assunto propõe que uma fundação de direito privado seja criada para capitalizar e gerenciar os recursos que venham via empréstimos e doações com fins de recuperação e preservação da floresta nativa.

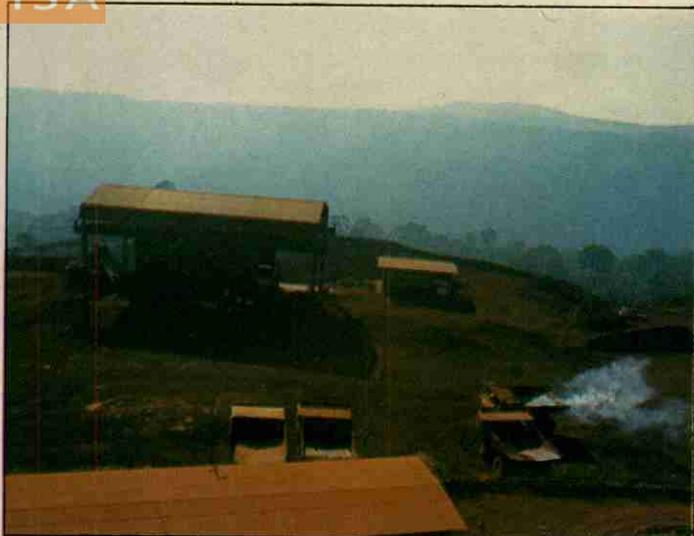
Em torno da floresta nativa preservada, a recuperação ecológica aliada a planos de desenvolvimento regional pode, na visão de especialistas, trazer solução para um dos maiores problemas da área: a fixação do homem no campo. É uma busca antiga. As oportunidades pífias de trabalho, a agricultura de subsistência e a falta de perspectivas forçaram os fluxos migratórios para fora dessa Amazônia oriental ao longo do tempo. A volta, com os pólos, é aguardada. Espera-se que 20 mil empregos sejam criados na implantação e manutenção das flo-

Engenheiro da preservação

As duas vocações de Eliezer Batista

Foi em 1949 que o engenheiro Eliezer Batista detectou a primeira oportunidade de aliar o seu "instinto de preservação ecológica", que ele admite ter sempre lhe acompanhado, com a atividade profissional que desempenhava. Eliezer, então superintendente de Estradas de Ferro da Companhia Vale do Rio Doce, deparou com uma extensa área de 23 mil hectares devastada e propôs à empresa um projeto de reflorestamento de eucalipto para proteção de solos contra erosão. "Usamos o pretexto de usar a madeira para fazer dormentes, como forma de convencer a diretoria da empresa, porque naquele tempo ninguém falava nessa questão de preservação, que era o que queríamos", revela o hoje chairman da controlada Rio Doce Internacional. O projeto de dormentes, que consiste em usar peças de madeira para fixar trechos das estradas de ferro, nunca saiu do papel, mas o terreno adquirido serviu de berço da Reserva Florestal de Linhares.

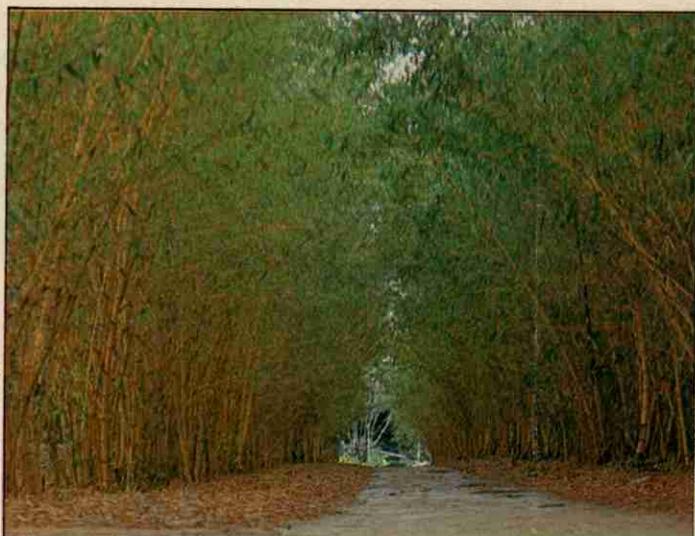
Eliezer deu forma definitiva à reserva com investimentos durante seu primeiro mandato, dos três que exerceu, na presidência da Vale. "Conseguimos instalar inicialmente, ali, os processos de seleção de sementes e melhoramentos de mudas e só depois entramos no aperfeiçoamento genético de essências nativas", lembra o engenheiro com a desenvoltura de quem está familiarizado com o assunto. Eliezer diz que a Reserva de Linhares representou para a Vale "o marco da origem da cultura ambiental" em sua estratégia. De lá para cá, com o entusiasmado apoio de Eliezer, várias medidas no sentido de espalhar a área verde controlada pela companhia foram feitas. "O nosso maior esforço seguinte consistiu em investir em Carajás, depois de recebido o direito de uso daqueles 400 mil hectares; montamos o conselho ecológico e nos preocupamos em estabelecer lá um esquema de proteção para evitar atividades devastadoras."



Dois ambientes
A maior mina de ferro do mundo, coração de 411 mil hectares de preservação

bada de árvores. Não são permitidos animais domésticos, pelo risco que trazem de transmissão de doenças. Os que gostam de bichos têm à disposição um parque zootônico com vários exemplares da fauna local, aberto a visitas. É o parque zootônico que também fornece as mudas para que os moradores comecem as plantações nos seus quintais.

Considerada a região mais devastada do País, com apenas 2% de sua cobertura original, o Espírito Santo começa a ter resgatada sua área verde a partir do Programa Horto Florestal que a companhia Vale passou a tocar e que inicialmente fornece mu-



Linhares
Fazenda-piloto na qual pequenas florestas já foram erguidas com sucesso

das a dez municípios locais, dentro de uma estratégia de retomar a arborização das cidades. Outros municípios podem entrar no programa gradativamente, combinando tarefas com os responsáveis pela Reserva de Linhares. Para analistas de várias partes do mundo que já entraram em contato com as experiências realizadas naquele centro, a Reserva de Linhares constitui um caso único em se tratando de estágio de progresso das pesquisas de áreas florestais brasileiras. Atualmente são 189 pesquisas de aspectos ligados ao meio ambiente, principalmente no campo de sementes e de mudas.

A fazenda de Linhares, como também é conhecida, fornece tecnologias novas na área de sementes que permitem um reflorestamento mais rápido de regiões devastadas. Os testes são feitos lá mesmo na fazenda, onde pequenas florestas já foram erguidas e o ritmo de geração de mudas alcançou o volume de 50 milhões de unidades, ano passado. Com 20 espécies vegetais, o trabalho é mais intensivo e os estudos vão desde o ritmo de crescimento ao comportamento florestal dessas espécies em várias condições ambientais. No "viveiro de mudas", os pesquisadores de Linhares conseguiram reproduzir quase todas as espécies conhecidas. E num laboratório coberto de telas, conhecido como "casa de vegetação" os primeiros resultados positivos de crescimento de plantas a partir dos galhos, dispensando sementes, começam a ser verificados.

Nessas casas de vegetação, a passagem de luz é reduzida em 50% em relação às plantações em áreas abertas. Os galhos que são estimulados ao enraizamento variam de 8% a 10% de comprimento e quando passam a apresentar folhagens são aprovados por essa técnica de "clonagem". Tudo é catalogado e arquivado no "herbário" de Linhares. Da mesma forma os testes realizados no "germinador de sementes" já alcançaram resultados satisfatórios e começam a engrossar o arquivo de estudos à disposição no herbário. Nesses germinadores, as análises de sementes são feitas em temperaturas controladas para definir o clima adequado da sua germinação. O teste é repetido no viveiro mas antes passam pela fase de "beneficiamento" (separação) das sementes. As espécies consideradas "biologicamente bem-sucedidas" são incentivadas em plantios independentes ou em consórcios com outras plantas. Juntas, essas unidades de testes e fases de pesquisas de Linhares, deram o arcabouço de experiências necessárias para detonar a fase de construção dos pólos florestais que retomam a vegetação da Amazônia.

A natureza dos esforços da Vale, a princípio de conservação e regeneração das espécies, evoluiu numa etapa posterior para os experimentos vegetais com vistas à produtividade e uso intensivo de seus resultados. "Os pólos florestais vêm nesse segundo passo de associar a preservação e desenvolvimento comercial", estabelece Eliezer. Foi ele mesmo quem sugeriu que a Vale abrisse espaço para o apoio externo e participação de outras empresas no programa.

Com 66 anos de idade, esse engenheiro é considerado o patrono da filosofia verde que deitou raízes na Vale do Rio Doce. Com sugestões, como a de realizar estudos do impacto ambiental e incentivar a plantação de verdes nas áreas que circundam as unidades industriais da companhia, ele conquistou o respeito de autoridades no assunto e o reco-

nhecimento de sua contribuição para a preservação de espaços verdes ameaçados nas regiões da Mata Atlântica e da Amazônia. "O que está em jogo no aspecto da preservação do meio ambiente é a qualidade de vida dos brasileiros, e com isso devemos estar atentos a todo momento", ensina, dizendo ter absorvido muito da experiência dos países escandinavos, com os quais está em constante contato e espera criar uma ponte de colaborações mútuas no "trabalho de salvação do verde".

Eliezer Batista

Incentivo às florestas nas áreas que cercam os projetos da Rio Doce

